

## Poulain de la Barre: feminismo lógico e *préciosité*

Carmel da Silva Ramos<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo pretende aproximar as ideias profeministas desenvolvidas pelo filósofo e teólogo francês François Poulain de la Barre (1647-1723) das estratégias de escrita formuladas pelas autoras seiscentistas da assim chamada literatura preciosa, tais como Madeleine de Scudéry (1607-1701) e Madame de Lafayette (1634-1693). Critica, para tanto, a divisão proposta por Elsa Dorlin (1974-) entre o feminismo lógico e a *préciosité* duplamente: através de uma reflexão mais ampla sobre os limites da separação entre filosofia e literatura e, num segundo momento, a partir da análise direta dos argumentos de Poulain. Procura, assim, demonstrar a associação possível entre a confecção de uma ordem fabulada como procedimento filosófico legítimo e o emprego da imaginação como modelo da produção literária.

**Palavras-chave:** Poulain de la Barre – Feminismo lógico – *Querelle des femmes* – *Préciosité* – Profeminismo – Cartesianismo

## Poulain de la Barre: logical feminism and *préciosité*

**Abstract:** This article aims to approximate the profeminist ideas developed by the French philosopher and theologian François Poulain de la Barre (1647-1723) to the writing strategies formulated by sixteenth-century authors of the so-called *littérature précieuse*, such as Madeleine de Scudéry (1607-1701) and Madame de Lafayette (1634-1693). To this extent, it criticizes the division proposed by Elsa Dorlin (1974-) between logical feminism and *préciosité* in two ways: through a broader reflection on the limits of the separation between philosophy and literature and, secondly, through a direct analysis of Poulain's arguments. Thus, it seeks to demonstrate the possible association between the creation of a fabricated order as a legitimate philosophical procedure and the use of imagination as a model for literary production.

**Keywords:** Poulain de la Barre – Logical Feminism – *Querelle des femmes* – *Préciosité* – Profeminism – Cartesianism

---

<sup>1</sup> Pesquisadora de Pós-doutorado na UERJ. Mestre e doutora em Filosofia pelo PPGLM/UFRJ. Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI-260003/005791/2022. E-mail: ramoscarmel@gmail.com

## Gênero e literatura preciosa no século XVII francês

Na “história de um espírito”<sup>2</sup> que perfazem os parágrafos iniciais do *Discurso do Método*, Descartes se empenha em construir uma oposição entre os saberes ensinados nas escolas e aqueles que podem ser adquiridos seja através da experiência, seja por meio de um exercício espontâneo da razão. Uma tensão profunda percorre toda a primeira parte da obra, entre, de um lado, o domínio da história e do conhecimento cultivado pela tradição em seus volumes empoeirados e aquele que pode ser deduzido apenas a partir da aplicação resoluta do bom senso empregado nas vias corretas. Ainda que classifique sua própria exposição com os termos de “história” e “fábula”<sup>3</sup>, nas quais sua vida e seu método fabricado serão representados “como num quadro”<sup>4</sup> — evocando, *en passant*, a pintura de si montaigniana<sup>5</sup>, espécie de referência oculta em diversas passagens do *Discurso* —, Descartes acrescenta paradoxalmente uma crítica das fábulas; e, mais particularmente ainda, daqueles engajados na defesa exagerada da forma do romance. Embora a leitura dos bons livros seja como “uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados”<sup>6</sup>, é preciso ter cautela para não se permitir enredar nas quimeras neles propostas. Nesse aspecto, tal leitura é análoga ao ato de viajar, permitindo um relativismo saudável quando se trata de considerar sua própria cultura. Os dois modelos de viagem aqui traçados, porém, quando perseguidos em excesso, alienam. O passado não pode nos fazer perder de vista o presente; e as fábulas pecam por falta de verossimilhança, uma vez que “fazem imaginar como possíveis muitos eventos que não o são”<sup>7</sup>, além de frequentemente omitirem a narrativa dos eventos mais baixos e vulgares, recusando ao leitor uma amostragem mais fidedigna daquela realidade ali pintada. O excesso de zelo pelo passado desvirtua do caminho ideal a ser percorrido pelo bom senso, tornando-o vulnerável às “extravagâncias dos paladinos de nossos romances” e propensos a “conceber desígnios que ultrapassam suas forças”<sup>8</sup>.

Segundo Étienne Gilson, ao mencionar a forma do romance Descartes tem em mente, por exemplo, uma obra como o *Amadis de Gaula*<sup>9</sup> — romance de cavalaria popular no século XVI. Na altura de 1637, quando o *Discurso* é publicado, o panorama literário francês assistia também à primeira montagem de *El Cid*, talvez uma das mais célebres tragédias de Pierre Corneille, autor que foi, inclusive, aproximado de Descartes devido à sua moralidade heroica de cunho aristocrático<sup>10</sup>. A peça foi ela mesma alvo de uma querela pública posterior na qual foi questionada sua falta de verossimilhança<sup>11</sup>. Como se Descartes fosse ao mesmo tempo sintoma e antecipação de um conjunto de

---

<sup>2</sup> Expressão adaptada daquela formulada por Jean-Louis Guez de Balzac em carta a Descartes de 30 de março de 1628: “l’Histoire de votre esprit”, cf. apud. WEINRICH, *Conscience linguistique et lectures littéraires*, p. 79.

<sup>3</sup> DESCARTES, *Discurso do Método*, p. 38.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Cf. BIRCHAL, Telma de Souza. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

<sup>6</sup> DESCARTES, *Discurso do Método*, p. 39.

<sup>7</sup> DESCARTES, *Discurso do Método*, p. 39.

<sup>8</sup> DESCARTES, *Discurso do Método*, p. 39.

<sup>9</sup> DESCARTES, *Discours de la méthode*, p. 52.

<sup>10</sup> Cf. RIBARD, Dinah. “Histoire littéraire et histoire: le parallèle Corneille-Descartes (1765-1948)”. In: *Dix-septième siècle*, 2004/4 (n° 225), pp. 577-583. No Brasil, destacamos as contribuições de Marisa C. de O. F. Donatelli (“Descartes e Corneille: Em Defesa das Paixões”. In: *Cultura Visual*. Salvador, EBA/UFBA, n. 4, 2º semestre de 2001) e de Vinicius de Figueiredo (*A paixão da igualdade: uma genealogia do indivíduo moral na França*. Belo Horizonte: Relicário, 2021).

<sup>11</sup> Cf. GENETTE, Gérard. “Vraisemblance et motivation”. In: *Communications*, Année 1968, 11, pp. 5-21.

expectativas dirigidas à forma literária típica do século XVII francês, é também de falta de verossimilhança que o romance galante *A princesa de Clèves*, de Madame de Lafayette, publicado já na segunda metade dos seiscentos, quer dizer, em 1678, será acusado. A articulação entre falta de verossimilhança e romance parece já prefigurada no *Discurso*, manifesto *avant la lettre* de certo espírito do classicismo francês.

No romance de Lafayette são narradas as desventuras de Madame de Chartres, educada por sua mãe num ambiente invisível à corte, e que termina por casar-se com um homem que não amava. Ainda que sua mãe tenha se esforçado para protegê-la do amor, empregando artifícios a fim de que não sofresse as consequências desastrosas do apaixonamento, a personagem o encontra na figura do galante Duque de Nemours. Um complicado jogo de olhares silenciosos e espelhos infinitos é tecido<sup>12</sup>, de tal modo que, no auge de sua tensão, Madame de Chartres, a essa altura já Madame de Clèves, opta por confessar ao marido seus sentimentos por um outro, numa cena que chocou a sociedade da época entre outras coisas por sua suposta falta de correspondência com a realidade. O romance foi um sucesso em termos de público, tendo gerado diversas discussões documentadas no periódico *Le Mercure Galant*, importante veículo das novas ideias literárias e culturais em voga. Segundo Joan Dejean<sup>13</sup>, as trocas de opinião sobre a obra estimuladas pelo jornal, das quais participavam o grande público leitor nascente, foram responsáveis pela criação daquilo que posteriormente será designado como esfera pública. Lafayette punha em xeque, numa linguagem associada à cultura dos salões, a compatibilidade entre amor e instituição do ponto de vista feminino. A cena estampava, é claro, as reflexões morais alimentadas naquela altura a respeito da manutenção de amizades extraconjugais que permitissem a essas mulheres aristocratas um florescimento intelectual para além da realidade claustrofóbica da vida doméstica. Retoma, assim, a reivindicação de bom tratamento já presente ao menos desde a literatura trovadoresca do amor cortês dos séculos anteriores — o que talvez possa ser designado como um dos primeiros temas propriamente feministas, manifesto no entrecruzamento entre práticas de escrita, meditação moral e filosófica<sup>14</sup>.

A obra de Lafayette insere-se numa teia mais complexa que une sociabilidade, escrita e reivindicação de novos costumes. É o tempo da França galante — para recuperar a expressão de Alain Viala<sup>15</sup> —, da fabricação institucional de uma identidade cabível ao domínio de Luís XIV, ele mesmo um rei galante. A galanteria pode ser sucintamente definida como um conjunto de práticas estilísticas verificáveis nas artes — literatura, teatro, mas também na dança e na ópera —, inseparáveis de uma certa ideia de civilização e de cultura<sup>16</sup>. Não gratuitamente lemos as expressões *galanterie* e *galant* no parágrafo de abertura de *A princesa de Clèves*:

---

<sup>12</sup> COSTA, Leila de Aguiar. *Antigos e Modernos. A cena literária na França do Século XVII*. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial, 2009.

<sup>13</sup> DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos. As Guerras Culturais e a construção de um fin de siècle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>14</sup> SÁNCHEZ, Antonia Viñez e DURÁN, Juan Sáez. “Los precedentes de la *Querelle des Femmes* en la poesía románica medieval: las trobairitz”. In: *Voces masculinas y feministas entre Italia y Europa en las Querelle des Femmes*. Poland: Volumina. pl, 2018, pp. 11-26.

<sup>15</sup> Cf. VIALA, *La France galante*.

<sup>16</sup> Verificar o artigo de Myriam Dufour-Maitre intitulado “La galanterie”, publicado no site da Biblioteca Nacional da França e disponível no link: <https://essentiels.bnf.fr/fr/article/f70a35b0-da2f-4db6-bb7f-95919c23c588-galanterie>.

A magnificência e a galantaria [*galanterie*] jamais se mostraram em maior esplendor quanto nos últimos anos do reinado de Henrique II. Este príncipe era galante [*galant*], de bela aparência e amoroso. Embora sua paixão por Diane de Poitiers, duquesa de Valentinois, tivesse principiado há mais de vinte anos, ela não deixava de ser menos violenta, e suas manifestações não eram menos evidentes<sup>17</sup>.

Talvez seja algo insólito para as expectativas contemporâneas supor que um romance de autoria feminina em plena modernidade nascente — que, apesar de ter sido publicado anonimamente, já levantava suspeitas sobre sua autoria — tenha despertado tamanha atenção pública. Ocorre que o século XVII francês não é um exemplo paradigmático da vitória neutralizante do olhar misógino — ao contrário, talvez não seja excessivo afirmar que algumas das mulheres aristocratas tenham ali experimentado algum grau de triunfo e reconhecimento por seus pares. A literatura era intensamente praticada nos salões coordenados por essas mulheres, que se erguiam tanto como autoras quanto como árbitras do bom gosto. Nesse aspecto, as relações de amizade entre Madame de Lafayette e Gilles Ménage, Madeleine de Scudéry e Jean-Baptiste Boistot, por exemplo, já foram suficientemente documentadas<sup>18</sup>. Houve, é claro, alguma resistência a esse levante conjunto, que deu origem a uma classificação particularmente negativa: a expressão *précieuse* ou *préciosité* é, então, carregada de estigma, construindo uma referência pejorativa às mulheres que se davam um certo valor (um *prix*), quer dizer, que ousaram tomar a pluma.<sup>19</sup> Considerando que autoras como as já citadas Lafayette e Scudéry jamais se uniram para proclamar em uníssono um movimento dotado de características uniformes, não é demasiado sublinhar que, além de depreciativa, a classificação é externa<sup>20</sup>. É possível rastrear com facilidade as principais obras do período responsáveis pela difusão do rótulo: são elas o romance *La Précieuse ou les mystères de la ruelle* do abade Michel de Pure, publicado entre 1656 e 1658<sup>21</sup>, a comédia satírica *Les précieuses ridicules* de Molière, encenada pela primeira vez em 18 de novembro 1659, e, finalmente, o *Le Grand Dictionnaire des Précieuses, ou La Clef de la langue des ruelles*<sup>22</sup>, de Antoine Somaize, que conheceu uma primeira edição em 1660 e uma segunda, mais robusta, em 1661,

---

<sup>17</sup> LAFAYETTE, *A Princesa de Clèves*, p. 43. No original: LAFAYETTE, *La Princesse de Clèves et autres romans*, p. 129.

<sup>18</sup> Sobre o entrecruzamento entre sociabilidade e escrita, com especial atenção para as relações de amizade entre escritoras e escritores no Antigo Regime francês, recomenda-se o excelente trabalho de Beatriz Polidori Zechlinski: *“Quero ver as minhas obras saindo da prensa”: mulheres e livros na França do Antigo Regime*. Teresina: Cancioneiro, 2022.

<sup>19</sup> DUFOUR-MAÎTRE, *Les Précieuses. Naissance des femmes de lettres en France au XVII<sup>e</sup> siècle*. Paris, Champion, 2008. Ver também os artigos “L’invention de la préciosité” (<https://essentiels.bnf.fr/fr/article/47904be5-24e3-4748-ae7f-f073fd4bc50c-invention-la-preciosite>) e a indicação bibliográfica (<https://essentiels.bnf.fr/fr/article/56c3e55a-0f1f-4cfb-9585-678e02712365-invention-la-preciosite-1>), ambos publicados no site da Biblioteca Nacional da França.

<sup>20</sup> Além do trabalho já citado de Myriam Dufour-Maître, recomendamos o estudo de Delphine Denis, “Ce que parler ‘prétieux’ veut dire: Les enseignements d’une fiction linguistique au XVII<sup>e</sup> siècle”. In: *L’Information Grammaticale*, n. 78, 1998. pp. 53-58.

<sup>21</sup> PURE, Michel de. *La Précieuse ou le mystère de la ruelle*. Édition établie présentée et commentée par Myriam Dufour-Maître. Paris: Champion, 2010. A versão seiscentista pode ser consultada no site da Gallica, cf. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8708200g>.

<sup>22</sup> Publicação de 1660 disponível para consulta no site da Gallica, cf. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1522195c>.

publicada sob o título *Le Grand Dictionnaire des Précieuses, Historique, Poétique, Géographique, Cosmographique, Chronologique et Armoirique*<sup>23</sup>, etc.

Importantes materiais para o estudo da dinâmica de gênero no grande século francês, vê-se que as obras foram publicadas em sequência, manifestando já sua reação à cada vez maior popularidade dos romances de produção feminina. O *Dictionnaire* de Somaize, que em sua primeira edição se limita a propor um pastiche das frases forjadas na peça de Molière, apresenta algumas intuições reveladoras em sua segunda edição. A julgar pela entrada “Antiguidade”, primeira do volume, descobrimos que há uma diferença entre as assim chamadas *femmes d’esprit* e as preciosas — uma distinção, aliás, corroborada por Molière no Prefácio de sua peça supramencionada, para quem “as verdadeiras preciosas não teriam razão de se irritar quando se encena as ridículas que as imitam mal”<sup>24</sup>. Apesar da moda recente, avalia Somaize, sempre houve mulheres engajadas no juízo de versos e prosa em segredo, a diferença é que agora se davam o direito de fazê-lo publicamente. Não satisfeitas em se anunciarem como apreciadoras das obras alheias, passaram a ser elas mesmas suas próprias criadoras — manipulando, para tanto, a linguagem já existente com o intuito de lançar, desde o seu interior, uma nova língua. As preciosas são acusadas, entre outras coisas, de possuírem um jargão — daí a necessidade de categorizar os novos termos num dicionário. Em última análise, portanto, as *femmes d’esprit* parecem representar as mulheres autorizadas ao ofício intelectual, ao passo que preciosas o perpetuam com excesso e extravagância. O fato de escrever, de corrigir as obras alheias, de ler romances e de inventar uma nova linguagem resume seu procedimento desautorizado<sup>25</sup>.

Pode ser que uma certa lembrança inconsciente da recepção pejorativa da *préciosité*<sup>26</sup> persista quando se trata de estabelecer conexões entre a pluralidade de disputas literárias marcadas por questões de gênero e o debate mais imediatamente filosófico em torno de temas correlatos. Nunca é suficiente rememorar que o levante feminino na literatura acontece em meio à uma série de querelas públicas: a *Querelle des Femmes*<sup>27</sup> — presente na paisagem intelectual europeia ao menos desde o século XIV — e, é claro, a *Querela dos Antigos contra os Modernos*, essa mais diretamente literária, e que colocava em confronto a produção poética como culto ou não ao passado. Entre a defesa do romance como forma literária autorizada e, na outra extremidade da disputa, a apologia da poesia como forma canônica, o primeiro não deixava de ser visto como *une affaire des femmes*<sup>28</sup>. Analisar o fenômeno singular da *préciosité* permite um olhar simultâneo, não necessariamente sintético, para essas duas querelas de fundo. Devemos nos perguntar se há algum sentido metodológico em propor uma separação prévia entre debate literário e debate filosófico ao pensar gênero nos seiscentos, já que,

---

<sup>23</sup> Disponível no link <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50949t>.

<sup>24</sup> Tradução nossa de MOLIÈRE, *Les Précieuses ridicules*, p. 29.

<sup>25</sup> SOMAIZE, *Le Grand Dictionnaire des Précieuses, Historique, Poétique, Géographique, Cosmographique, Chronologique et Armoirique*, p. 23.

<sup>26</sup> Sobre a disputa entre os termos *préciosité* e *galanterie*, ver o artigo de François Ronan-Dubois, “Préciosité vs. Galanterie”, disponível em <https://contagions.hypotheses.org/916>.

<sup>27</sup> Cf. “Querelle des femmes: Mapeamento em português”, In: *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, vol. 7, n. 2, 2021, p. 28-42. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/querelle-des-femmesmapeamento-em-portugues/>.

<sup>28</sup> Sobre a associação entre gênero — a forma literária — e gênero — as condições de identidade — das mulheres aristocratas no Antigo Regime Francês, ver os trabalhos de Nathalie Grande: *Stratégies de romancières: De Clélie à La princesse de Clèves (1654-1678)*. Paris: Honoré Champion, 2000 e *Le roman au 17ème siècle: L’exploration du genre*. Mesnil-sur-l’Estrée: Bréal, 2018.

supondo o confronto com os textos, a divisão dificilmente se sustenta. Mais ainda, questionamos se aqueles textos que, nós, leitores contemporâneos, tendemos a classificar como propriamente filosóficos não estariam no mínimo influenciados pelos conteúdos e pela retórica daquilo que convencionamos denominar literatura.

## Feminismo lógico: questões de método

Num livro dedicado a reconstruir criticamente a questão da igualdade dos sexos no século XVII europeu<sup>29</sup>, a pesquisadora em história da filosofia e feminista Elsa Dorlin opõe o discurso da *préciosité* ao que designará como o *feminismo lógico* — uma expressão, diga-se de passagem, ainda mais exógena ao contexto de discussão seiscentista que a de *préciosité*, uma vez que o termo *feminismo* só vem a surgir, no vocabulário francês, no século XIX<sup>30</sup>. Coexistem no XVII abordagens *diferencialistas* e *igualitaristas*: os partidários da primeira tese procuravam retoricamente recuperar certa dignidade feminina sem que isso significasse o abandono de um conjunto de predicados historicamente associados à mulher — seria, portanto, ainda essencialista. Já o feminismo lógico de autores como Marie de Gournay (1565-1645), Anna Maria van Schurman (1607-1678), Gabrielle Souchon (1632-1703) e François Poulain de la Barre (1647-1723) — único representante masculino da constelação por ela forjada —, por sua vez, tenderia a lançar argumentos — e não procedimentos retóricos — para lançar luz sobre a evidência do igualitarismo sem recorrer à postulação de uma identidade específica do feminino. Embora Dorlin pareça sublinhar principalmente Gabrielle Souchon como uma representante privilegiada tanto dos argumentos quanto dos limites da empreitada igualitarista, pensemos também em Poulain como um autor que pode, rapidamente, nos fazer visualizar este grupo apenas aparentemente incomunicável, apesar de contemporâneo: eis o caso de um profeminista *cartesiano*, que pretendia aplicar alguns dos conceitos da nova filosofia, como a crítica aos preconceitos sensíveis e a distinção entre substância pensante e extensa, para proclamar que a desigualdade entre os dois sexos não passa de um preconceito do costume fruto da confiança excessiva nas aparências, que o “espírito não tem sexo”<sup>31</sup> e, em última análise, defender a educação formal das mulheres. Marie de Gournay, ainda antes de Poulain, havia redigido um pequeno panfleto cujo título adianta as ideias por ele avançadas: o *Égalité des hommes et des femmes*, publicado pela primeira vez em 1622. Através de um uso subversivo do argumento de autoridade, Gournay procura demonstrar de que modo a tradição teológica e filosófica corroboram sua tese da igualdade radical entre homens e mulheres<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> DORLIN, *L'évidence de l'égalité des sexes. Une philosophie oubliée du XVIIe siècle*.

<sup>30</sup> OFFEN, Karen. “Sur l'origine des mots ‘féminisme’ et ‘féministe’” In: *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*. Année 1987, 34-3, pp. 492-496.

<sup>31</sup> Há uma tradução para o português brasileiro de um dos tratados profeministas de Poulain – o *Da Igualdade entre os dois sexos, discurso físico e moral, onde vemos a importância de se desfazer dos preconceitos*. A tradução foi preparada por Yasmin Haddad e está disponível no volume *Arqueofeminismo. Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas. Séculos XVII-XVIII* (São Paulo: n-1, 2019), organizada por Maxime Rovere. Apesar de ser um trabalho pioneiro no resgate das obras de filósofas e de temas profeministas na história da filosofia, optaremos, neste artigo, por apresentar traduções próprias do texto de Poulain. Tomaremos como base para a nossa tradução a edição moderna preparada, apresentada e anotada por Marie-Frédérique Pellegrin: POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes, De l'éducation des dames, De l'excellence des hommes*. A passagem citada encontra-se na p. 99.

<sup>32</sup> GOURNAY, *Igualdade entre homens e mulheres*, pp. 294-295.

A *préciosité* e o feminismo lógico pertencem, então, ao panorama da discussão mais ampla da *Querelle des femmes*. Ocorre que a escolha das preciosas era, de fato, por inaugurar uma resposta imediata ao interlocutor misógino, inscrevendo-se diretamente na polêmica a partir de uma apologia pacífica do feminino. As e o feminista lógico, contrariamente, não admitiam os dados mesmos nos quais a querela estava fundada, situando-se, por seu pressuposto igualitário, à margem dela — uma leitura que parece compartilhada pela pesquisadora Marie Frédérique-Pellegrin, que, num artigo recente, se pergunta sobre a real utilidade da categoria histórica da *querelle* para tratar especificamente da produção singular de la Barre<sup>33</sup>, que se furta ao exercício retórico e mesmo literário tanto da misoginia quanto da filoginia.

Ao passo que a *préciosité* foi posteriormente aceita como símbolo máximo das articulações de gênero principalmente na segunda metade do século XVII, quando se trata de estudar gênero na história da filosofia, pouco foi dito a respeito do debate igualitarista, este mais propriamente filosófico. Haveria, segundo Dorlin, uma razão política para o esquecimento deliberado dessa tradição: o fato de os argumentos do feminismo lógico serem mais convincentes e, portanto, muito mais ameaçadores. O expediente precioso foi facilmente reintegrado à descrição analítica do período pois, em última análise, não questionava o lugar socialmente atribuído ao feminino: o da produção literária como um signo de cultivo espiritual, a delicadeza dos modos, o refinamento do espírito, a prática da conversação, a receptividade no ambiente doméstico, a crítica do casamento, etc. A subjetividade feminina pode ter sido até aumentada, a ela podem ter sido acrescentados novos signos antes impensáveis, mas não foi substancialmente modificada — a mulher deveria permanecer, ainda, num ambiente à parte daquele dos homens, como dois universos incomunicáveis, cada um com seus embates e funções próprios. Para Dorlin, a *préciosité* fora incapaz de objetar o fundamento mesmo da distribuição social dos papéis de gênero.

Há, sempre segundo Dorlin, ao menos duas notas características centrais da *préciosité*. Em primeiro lugar, seu pressuposto de *complementaridade*: não se trata de supor uma real igualdade de gênero, mas de inventariar características que seriam marcadamente masculinas, de um lado, e femininas, de outro, buscando reabilitar positivamente as segundas. Além desse substrato conceitual, haveria também um registro *estilístico*: as preciosas atuavam na querela através de sua literatura de conversação, quer dizer, principalmente, como vimos, da forma do romance. Vale a pena reproduzir a definição de Dorlin para as diretrizes da *préciosité*:

Na verdade, as preciosas pensavam poder opor à virilidade uma feminilidade tão potente, erudita e independente quanto. A *préciosité* prega uma complementariedade feminista. Dito de outro modo, a diferença entre os sexos não implica necessariamente que certos domínios sejam atribuídos às mulheres e outros aos homens. Os mesmos domínios estão abertos aos homens e às mulheres, cada um estando investido diferentemente e de modo complementar. Aos homens a literatura de aventura, às mulheres a literatura de conversação; aos homens os negócios e os tratados, às mulheres as intrigas; aos homens o amor galante, às mulheres o amor desdenhoso...<sup>34</sup>

<sup>33</sup> PELLEGRIN, Nicole. “La ‘Querelle des femmes’ est-elle une querelle? Philosophie et pseudo-linéarité dans l’histoire du féminisme”. In: *Senteenth-Century French Studies*, 35:1, 69-79, pp. 70-71.

<sup>34</sup> Tradução nossa de DORLIN, *L’évidence de l’égalité des sexes*, p. 26.

Para verificar a limitação da conduta preciosa, bastaria refletir sobre a forma de suas produções: enquanto Gournay, Schurman, Souchon e Poulain construíam, em sua maioria, tratados argumentativos que recorriam apenas à razão como princípio, as preciosas surgem na cena pública como grandes autoras de romances de cunho *sentimental*, endossando “o monopólio da psicologia amorosa em literatura”<sup>35</sup> e reservando aos homens o domínio sobre a confecção de obras filosóficas de caráter científico. Em resumo, a *préciosité*, apesar das difamações de que foi alvo, terminou por ser incorporada ao cenário erudito de seu tempo, pois mantinha uma série de associações — entre feminino e subjetividade e masculino e objetividade — intactas<sup>36</sup>.

Apesar de conceder que as preciosas buscavam uma mudança profunda nos costumes, ligada a uma espécie de ideal de refinamento social, a qual se traduziria numa reforma da própria linguagem, Dorlin não classifica esse empreendimento como ele mesmo *filosófico*. Que as preciosas tenham apresentado ideias suficientemente bem exemplificadas em seus romances acerca de uma certa maneira de viver e um conjunto de preceitos estilísticos não configura, para ela, um pensamento ético tampouco estético. Ao contrário, ela vê nessa orientação mais concreta, na inseparabilidade entre vida e escrita, um afastamento da filosofia que deveria, ela, ser argumentativa e se endereçar ao abstrato. Mais ainda, a filosofia exige certo “rigor lógico”<sup>37</sup>, quer dizer, argumentos estruturados em premissas e conclusões, que não se comparam às ideias plasmadas nos personagens romanceados em seus diálogos galantes. A fim de maximizar a originalidade do *feminismo lógico*, lançado em sua obra como uma descoberta teórica e crítica, a autora endossa uma visão particularmente estreita do ofício filosófico, que exclui dele a possibilidade de experimentação linguística em outras configurações que não aquelas que giram em torno da silogística. Ora, sabemos que, historicamente, a entrada das mulheres no mundo da escrita se deu menos através dos tratados e das demonstrações e mais a partir de escritas múltiplas: a carta, o diário íntimo, o poema, o romance, o fragmento, a autobiografia<sup>38</sup>. Não podem essas formas ser consideradas filosóficas? E ainda: não é a distinção entre filosófico e não-filosófico uma ficção especialmente útil para manter as mulheres à margem do ofício teórico?

A oposição entre um discurso de razão, da ordem do abstrato, e um discurso sentimental, da ordem do concreto, coordena silenciosamente a vigilância contra os supostos excessos da abertura a outros arranjos teóricos. Engajadas e engajados no esforço de resgate das questões de gênero na história da filosofia, podemos entreter, como alternativa à essa oposição tradicional, uma visão mais inclusiva do que pode ser a produção filosófica lá onde fomos convencidos de que há apenas domesticidade, singularidade e concretude. O esforço de integração das vozes das mulheres na história da filosofia é inseparável de uma interrogação profunda sobre os limites daquilo que ordinariamente denominamos como filosófico. Ao invés de nos dirigirmos a esses textos históricos com um método prévio, talvez pudéssemos, ao lê-los, buscar elaborá-lo de

---

<sup>35</sup> DORLIN, *L'évidence de l'égalité des sexes*, p. 29.

<sup>36</sup> DORLIN, *L'évidence de l'égalité des sexes*, pp. 30-31.

<sup>37</sup> Tradução nossa de DORLIN, *L'évidence de l'égalité des sexes*, p. 47.

<sup>38</sup> Discuti a questão da epistolografia e da escrita das mulheres filósofas seiscentistas, tomando o caso específico de Elisabeth da Boêmia, no artigo “Elisabeth da Bohemia: epistolografia e escrita de filósofas mulheres”, In: *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, V. 6, N. 10, 2020, pp. 14-30.

maneira *a posteriori*. Invertemos o método gueroultiano<sup>39</sup>, o qual precede à ciência e é aplicável indistintamente a quaisquer textos, construindo-o, agora, a partir do confronto direto com o objeto de análise. Nossas expectativas de leitura já estão comprometidas por um viés edificado pelo cânone em sua forma e em seu conteúdo; e a tarefa de questionamento crítico dessa narrativa exige um olhar acurado inclusive para nossos princípios metodológicos a princípio definidores de nossa área de saber.

Para além das considerações metodológicas adicionais que poderiam ser elencadas aqui, a categoria de feminismo lógico, além de contraproducente para a tarefa de resgate das obras das mulheres, dificilmente se sustenta quando se trata de abarcar passagens sugestivas da obra dos autores nele incluídos. Marie de Gournay, por exemplo, apesar de se anunciar como igualitarista, está longe de optar pela demonstração lógica: muitas de suas obras são dotadas de um fundo retórico – isto é, de uma preocupação com a linguagem e demais estratégias de persuasão –, além de operarem na confusão entre experiências singulares e texto. Poulain de la Barre tampouco parece ser um porta-voz desse igualitarismo puro, pois não aderiu apenas à demonstração, escrevendo também um diálogo<sup>40</sup> e um tratado paródico<sup>41</sup>, ensaiando vias argumentativas que apelam à existência de uma ordem fabulada e ao escárnio a fim de exibir o ridículo da posição misógina. Para desenvolvê-lo mais longamente, podemos nos debruçar sobre seu texto, procurando tecer conexões com o discurso *precioso* a ele contemporâneo.

## Um profeminista cartesiano

Há, entre as preciosas do Antigo Regime francês e as ideias de Poulain, no mínimo um pano de fundo cultural, linguístico e geográfico comum. Quando publica, em 1673, seu tratado *Da igualdade dos dois sexos* — o primeiro de uma série de três textos profeministas que incluem *Da educação das damas*, em 1674, e *Da excelência dos homens*, em 1675 —, Clélie, *história romana*, obra prima de Madeleine de Scudéry na qual apresenta a *carte de tendre*, espécie de manual sentimental para alcançar o coração feminino, já tinha completado mais de uma década de acabamento. De 1680 a 1692, a autora se consagra à publicação de excertos de seus romances em obras dedicadas à difusão da forma da conversação em torno de temas morais, tais como *As conversações sobre assuntos diversos*, em 1680, *Novas conversações sobre assuntos diversos*, em 1684, *Novas conversações morais*, em 1688 e *Conversações de moral*, em 1692; obras que, entre outras coisas, refletem o caráter filosófico dos diálogos presentes em suas produções literárias. É igualmente nesse período, mais especificamente entre 1669 e 1671, que é publicado o romance *Zaide, história espanhola*, de Madame de Lafayette; e, alguns anos depois, em 1678, *A princesa de Clèves*, da mesma autora. Em termos de contribuições para a causa das mulheres, pode-se dizer que as décadas de setenta e oitenta do século XVII francês constituem um ponto de inflexão na *querelle des femmes*, concentrando uma pluralidade de obras engajadas em sua defesa que apostam nas mais variadas linhas retóricas.

Aparentemente consciente dessa paisagem conceitual, Poulain menciona diretamente as questões que preocupavam e, mais do que isso, causavam pânico nos homens eruditos

---

<sup>39</sup> Para uma crítica da aplicabilidade do método das estruturas para tratar das obras das filósofas seiscentistas, ver o artigo mencionado na nota anterior.

<sup>40</sup> POULAIN DE LA BARRE, *De l'éducation des dames* (1674).

<sup>41</sup> POULAIN DE LA BARRE, *De l'excellence des hommes* (1675).

vistos diante do advento das *femmes savantes*. É possível ser, ao mesmo tempo, erudito e vicioso? O estudo incutirá, nas mulheres, mais orgulho do que verdadeiro conhecimento? Qual o mérito do espírito cultivado nas mulheres? Contra a solução misógina, Poulain afirma que vício e sabedoria só se combinam quando esta última é uma farsa, pois somente a falsa Filosofia, dotada de ideias confusas, pode encaminhar ao orgulho de si. Daí porque é apenas um pânico<sup>42</sup> que causa “a imaginação bizarra que tem o vulgo, segundo a qual o estudo tornaria as mulheres mais malvadas e mais soberbas”<sup>43</sup>. A consequência moral da aquisição da verdade é necessariamente a humildade — a satisfação derivada da contemplação de sua própria liberdade, e que nos fará estimar de forma justa a nós mesmos e aos demais, aquilo que Descartes denominará, nas *Paixões*, de generosidade<sup>44</sup>. Embora possa ser lida em suas ressonâncias aristocráticas — a própria etimologia do termo o demonstra —, Poulain está interessado, nessa passagem, em recuperar os contornos igualitaristas da moralidade generosa, estabelecendo a continuidade entre virtude e conhecimento para ambos os gêneros. Mais ainda, se há, naquele século, grande quantidade de mulheres que adotam uma conduta orgulhosa diante do fato de possuírem algum conhecimento, isso se deve, em última análise, à culpa dos homens por as terem privado do estudo durante tanto tempo. A recaída no vício deriva do mistério no qual essas ciências foram guardadas como um segredo inacessível; justificando a atitude de novidade presunçosa frente a algo que jamais tinham sequer concebido antes. De toda forma, se há algum orgulho nas *femmes savantes*, este em nada se compara ao masculino, aquele verificável nos Mestres, do qual as mulheres, por razões estruturais, estão menos sujeitas. Sugere-se que, para curar esses excessos e, enfim, fazê-las menos vaidosas de seus saberes, que se permita que desde sempre elas possam partilhar, com os homens, das “vantagens que o produzem”<sup>45</sup>. A cura para a associação entre vício e falsa sabedoria é o acesso pleno à verdadeira filosofia através da instrução formal; e não o contrário.

Apesar de todos os percalços que encontram para adquirir conhecimento, as *savantes* ainda assim optaram por nele insistir, e apenas por isso devem ser altamente estimadas. Não há, portanto, simetria entre elas e os *hommes savants*, pois os segundos gozam de certos privilégios sistêmicos que não podem jamais desculpá-los de seu orgulho. Nessa altura, Poulain demonstra estar a par do panorama de discussão que reconstruímos, intervindo nele em prol da causa das mulheres<sup>46</sup>. Está dado, portanto, que Poulain se filia à causa das preciosas adotando uma postura desviante do panorama misógino vigente principalmente entre intelectuais homens. Seu procedimento, porém, a princípio não simulará tampouco aquele dos homens de letras comprometidos com a defesa das mulheres, como é o caso de autores como Bernard le Boyer de Fontenelle (1657-1757)<sup>47</sup>, Gilles Ménage (1613-1692)<sup>48</sup> ou Charles Perrault (1628-1703)<sup>49</sup>. Poulain não adotará o formato da conversação galante, não escreverá uma enciclopédia listando os exemplos históricos de mulheres ilustres, muito

---

<sup>42</sup> Segundo Poulain, “une terreur Panique” (cf. POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 113).

<sup>43</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 113.

<sup>44</sup> Para a definição cartesiana da generosidade, verificar os artigos 153 e 154 de *As Paixões da alma*.

<sup>45</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 115.

<sup>46</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 82.

<sup>47</sup> Autor das *Entretiens sur la pluralité des mondes* (1686) e defensor do romance de Lafayette na polêmica entretida no *Le Mercure Galant* em 1678.

<sup>48</sup> Publica em 1690 em latim a *Mulierum Philosopharum Historia* (*História das Mulheres Filósofas*), compilado biográfico de filósofas da Antiguidade.

<sup>49</sup> Defensor da causa das mulheres, por exemplo, em *L'Apologie des Femmes* (1694), no qual adota o formato poético.

menos se arriscará no conto ou na poesia. Também não temos notícia de sua frequência assídua dos salões ou de qualquer pretensão literária de sua parte: trata-se de um pensador de formação originalmente teológica que, numa certa altura, converte-se ao cartesianismo, escreve três tratados argumentativos particularmente singulares em defesa das mulheres e termina a vida redigindo outros escritos teológicos<sup>50</sup>. Nesse aspecto, sua obra é ao mesmo tempo parte do imbróglio de querelas do século, exprimindo-as e, por outro, espécie de realidade incomunicável com seus contemporâneos, já que foi ignorado por seu tempo imediato<sup>51</sup> e também pelos anos seguintes, obtendo apenas uma recepção indireta a partir do século XVIII, cujos efeitos puderam ser sentidos até mesmo no Brasil, com a tradução preparada por Nísia Floresta do panfleto clandestino *Sofia* que recorta de forma flexível algumas de suas passagens<sup>52</sup>. Que Poulain tenha tentado dar um fim à aporia da *querelle* em suas acusações simétricas, redigindo ele mesmo um pastiche dos argumentos misóginos em seu *Da excelência dos homens*, é, segundo Marie Frédérique-Pellegrin<sup>53</sup>, testemunho suficiente do isolamento do autor no interior de um século que não estava preparado para a agudeza da posição radicalmente igualitária.

Seja como for, Poulain descreve a si próprio como um autor *anti-galante*: consciente da dificuldade do viés masculino que se propõe a examinar a fundo o preconceito de gênero<sup>54</sup>, considera o discurso elogioso, apesar de sedutor, ineficaz. Já desde a abertura do *Égalité*, a *galanterie* e o amor são apresentados como duas feições de uma mesma postura que tende a interceder pelas mulheres apenas na medida em que se adaptam à pena masculina. Ouçamos Poulain em sua breve exposição metodológica:

Este assunto podia ser tratado de duas formas, ou galantemente [*galamment*], ou seja, de uma maneira alegre e floreada, ou bem como Filósofo e por princípios, a fim de instruir a fundo. Aqueles que têm uma ideia justa da verdadeira Eloquência bem sabem que essas duas maneiras são quase inaliáveis, e que quase não se pode esclarecer o Espírito e alegrá-lo pela mesma via. Não é que não se possa unir floreios [*la fleurette*] com a razão; mas essa mistura frequentemente impede o fim que se deve propor nos Discursos, que é de convencer e persuadir; o que há de agradável divertindo o Espírito, e não lhe permitindo deter-se no que é sólido. E como se tem pelas Mulheres olhares particulares, se, numa obra feita a seu respeito, mistura-se alguma coisa de galante [*galant*], aqueles que a leem levam seus pensamentos para

---

<sup>50</sup> Sobre o trabalho teológico de Poulain, verificar o estudo de Stuurman “From Feminism to Biblical Criticism: The Theological Trajectory of François Poulain de la Barre”, In : *Eighteenth-Century Studies*, Vol. 33, No. 3 (Spring, 2000), pp. 367-382.

<sup>51</sup> Como o demonstra Marie-Frédérique Pellegrin na Introdução de sua edição das obras de Poulain intitulada « Poulain de la Barre: Un féminisme philosophique » (cf. POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité (...)*, p. 11-50).

<sup>52</sup> Apesar do percurso indireto, Nísia Floresta é provavelmente a primeira tradutora de Poulain de la Barre para o português. Para uma discussão sobre a recepção do panfleto clandestino *Sofia* no Brasil, ver o trabalho da historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke em “Travessura revolucionária. Uma teia de erros em torno da feminista Nísia Floresta, nascida há 210 anos” (Publicado em 2020 na revista *Piauí*, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>. Última visualização: 14/12/2023 às 14h42min) e também o livro, da mesma autora, *Nísia Floresta, O Carapuço e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

<sup>53</sup> Cf. a interpretação defendida na Introdução já mencionada.

<sup>54</sup> “Assim, tudo o que os homens disseram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são Juizes e partes (...)” (Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 93).

mais longe, e perdem de vista o que deveria ocupá-los. É por isso que, não tendo nada que diga mais respeito às Mulheres que este propósito, no qual se é obrigado a dizer a seu favor o que há de mais forte e verdadeiro, tanto quanto a Bizarrice do Mundo pode sofrê-lo, acreditou-se que era preciso falar seriamente e disso advertir, por medo de que o pensamento de que esta seria uma obra de galantaria [*galanterie*] a fizesse passar levemente, ou rejeitar por pessoas escrupulosas<sup>55</sup>.

Não é, portanto, a impossibilidade de unir razão e galanteria que o encaminha a escolher a primeira em detrimento da segunda. A solução é motivada pelo caráter de seu interlocutor, que deve ser guiado pela justeza dos argumentos mais do que pelos artifícios estetizantes do texto. A oposição entre razão e estilo ou, se quisermos, entre demonstração e retórica, parece condizente com a leitura formulada por Dorlin. É preciso, porém, apurar se aquilo que Poulain afirma sobre si próprio em seu prefácio metodológico será por ele respeitado com fidelidade ao longo do seu discurso, procurando separar o que o autor diz sobre si daquilo que efetivamente o faz.

Como ficará explícito no seguimento de sua argumentação, trata-se de apostar especificamente na *razão* levada a cabo pela nova filosofia: a racionalidade cartesiana será remetida a uma esfera ausente de suas preocupações iniciais, quer dizer, aquela da sociedade. Seu argumento geral, assim, consiste em propor uma distinção entre o domínio do estabelecido, do tradicional, das aparências, e aquele da natureza das coisas. O preconceito de gênero — que é, para ele, o mais antigo preconceito a ter já penetrado nas mentes humanas<sup>56</sup> — é produzido e alimentado tão somente pelo costume; por indivíduos que se beneficiam dele em algum grau. É principalmente a refinada teoria cartesiana dos preconceitos, que supõe os movimentos de precipitação e prevenção<sup>57</sup> concebidos, por seu turno, no interior de sua teoria da mente, que articula uma total revisão daquilo que constitui a dimensão do natural. Do fato de que as mulheres se apresentaram historicamente como mais afastadas do conhecimento que os homens — o que é por si só questionável —, não se pode derivar sua incapacidade natural para apreendê-lo. Se as coisas aparecem aos meus sentidos, agora, de uma tal maneira, não posso a não ser falaciosamente inferir uma conclusão sobre o ser dessas mesmas coisas.

A crítica a este preconceito, amplamente difundido entre o vulgo e os sábios, é um subtema da conquista de uma ciência sólida e rigorosa. Foi procurando estabelecê-la, diz Poulain, que se viu conduzido, em primeiro lugar, à *dúvida* quanto ao método vulgar ensinado pelos mestres e, num segundo momento, a descobrir alguma verdade percorrendo um caminho autônomo. Um leitor familiarizado com a atitude cartesiana desenvolvida tanto nas primeiras partes do *Discurso* quanto na Primeira Meditação já encontra, aqui, alguns dos princípios básicos de sua filosofia: a desconfiança daquilo que foi legado pela tradição, o uso deliberado da dúvida como meio para alcançar alguma certeza, a via que, ao ser percorrida por um único indivíduo, tem mais chances de encaminhar à verdade do que aquela que opta por remendar as conclusões herdadas do passado, etc. A aplicação radical desses preceitos gerou, em Poulain, a constatação de que somos preenchidos por uma enormidade de

<sup>55</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 55.

<sup>56</sup> Cf. POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 60.

<sup>57</sup> DESCARTES, *Discurso do Método*, p. 45.

preconceitos; e que é preciso renunciar a eles para obter conhecimentos verdadeiramente claros e distintos. Dentre eles, aquele que se mostrou o mais convincente não foi, como em Descartes, a crença exagerada no poder da sensibilidade — a ideia de que o conhecimento sempre deve começar por ela e que é através dela que conhecemos a essência dos objetos<sup>58</sup> — mas, na verdade, a ideia de que os dois sexos são desiguais, em prejuízo das mulheres. O preconceito diferencialista é, portanto, aquele que mais corretamente descortina o erro dos sentidos, sendo um dos temas mais iluminadores para que se estabeleça uma ciência nova como um todo. Observa-se como, para Poulain, a discussão de gênero não era menos universal do que os temas epistêmicos, metafísicos ou morais, não passando de um dos mais centrais capítulos exigidos pela pesquisa da verdade.

Sabemos: diante de um dado assumidamente verdadeiro, desconfia-se dele e, aplicando resolutamente a vontade, observa-se se ele resiste à regra da verdade, ou seja, se é realmente indubitável, possuindo a propriedade da evidência. A desigualdade entre os gêneros surge, então, como preconceito, pois repousa num costume antigo que não foi devidamente reexaminado por aqueles — vulgo e sábios — que o partilham. Principalmente no que diz respeito ao vulgo, é o *interesse* que coordena sua crença na inferioridade das mulheres — tanto quanto é cômodo acreditar que é a terra que se move ao redor do sol ou que o país em que crescemos e a religião na qual fomos nutridos é a melhor e a mais autêntica. A autoridade, porém, não implica a verdade. O fato de uma opinião estar fundada num costume antigo não nos isenta de mais uma vez nos engajarmos no exercício de sua verificação<sup>59</sup>.

Não foi sempre assim, porém: é possível conjecturar, nos moldes da *ficção* do estado de natureza, como era a vida antes do estabelecimento geral de papéis específicos para os gêneros. Poulain se lança frequentemente, como estratégia argumentativa, num exercício de *fabulação* de condições existenciais alternativas, a fim de olhar com mais distância para o presente. Ele se pergunta, ao longo de todo o texto, como seria o caso se as mulheres tivessem tido acesso às mesmas oportunidades de instrução que os homens. Nessa mesma linha, seria interessante tentar percorrer, na trama histórica, combinando imaginação e crítica dos costumes, quando os homens passaram a estabelecer seu poderio. Poulain nos convida a imaginar uma espécie de estado pré-civil no qual prevalecia, entre homens e mulheres, uma relação igualitária. Os indivíduos se dedicavam apenas ao cultivo da terra e da caça para obter alimentos: não existindo, ainda, algo como uma divisão do trabalho conforme o gênero. Ao contrário, apenas o mérito governava as ações: aquele que fosse capaz de garantir mais suprimentos era, por isso mesmo, mais *estimado*. O estado de estima igualitária ou de *amizade* entre homens e mulheres logo deu lugar a outra variação passional, desta vez negativa: o *desprezo*, paixão que consiste na contemplação da baixeza do objeto em questão<sup>60</sup>. Com a reprodução, as mulheres foram confinadas ao ambiente doméstico e responsabilizadas pelas tarefas do cuidado. Sua inferiorização tomou proporções ainda maiores a partir do momento em que foi estabelecido o casamento com homens muito distantes de sua linhagem familiar<sup>61</sup>. O costume foi o responsável por perpetuar, para as filhas dessas mulheres, a relação de

---

<sup>58</sup> Cf. DESCARTES, *Meditações*, p. 94.

<sup>59</sup> Reconstruo, nos parágrafos anteriores, a argumentação presente em POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, pp. 59-61.

<sup>60</sup> Cf. definição cartesiana, ver os artigos 54, 79-83 e 157-158 de *As Paixões da alma*.

<sup>61</sup> Cf. POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, pp. 64-65.

desigualdade social pautada pelo gênero. Combinando o *desprezo* que sentiam pelas mulheres ao *orgulho* que nutriam por si próprios, os homens manifestaram a paixão do *desejo de dominação*:

Alguns se contentaram com uma primeira usurpação: outros, mais ambiciosos, encorajados pelo sucesso da vitória, quiseram levar mais longe suas conquistas. As mulheres, *que eram demasiado humanas para servir a estes propósitos injustos*, foram deixadas no lar: e os homens foram escolhidos como sendo mais apropriados aos empreendimentos nos quais se tem necessidade de força. Neste estado, não se estimava as coisas senão na medida em que se as acreditava úteis ao fim que se propunha; e o *desejo de dominar*, tendo se tornado uma das mais fortes paixões, e não podendo ser satisfeito senão pela violência e pela injustiça, não é surpreendente que homens, tendo sido seus únicos instrumentos, tenham sido preferidos às mulheres. Eles serviram para reter as conquistas que tinham feito: tomou-se apenas seus conselhos para estabelecer a tirania, pois não havia senão eles que os pudessem executar, e desta forma *a doçura e a humanidade* das mulheres foi a causa de elas não terem tido nenhuma participação no governo dos Estados<sup>62</sup>.

Constatamos, acima, que Poulain mobiliza certas paixões socialmente desempenhadas pelas mulheres — no caso, a doçura e a humanidade — e certas paixões manifestadas pelos homens — ambição, violência, injustiça. Para um defensor do igualitarismo, eis um procedimento argumentativo no mínimo estranho — ainda que seu objetivo final seja, é claro, defender a dignidade das mulheres. Considerando o escopo do argumento, que trata da efetivação de comportamentos em sociedade motivados por certos papéis de gênero, talvez fosse possível sustentar que há, aqui, uma diferença entre o campo da natureza e aquele da cultura, e que Poulain faria uma reconstrução da segunda e não da primeira. Tais virtudes encenadas pelas mulheres seriam, antes, resultado de uma reação que exigiria delas tais comportamentos. No entanto, o mesmo expediente essencialista será ativado em outros momentos do *Égalité*. Assim, há passagens embaraçosas em que Poulain sustenta que as mulheres são, por exemplo, “caridosas”<sup>63</sup>, “imaginativas”<sup>64</sup> e “espirituais”<sup>65</sup>. Sobretudo ao tratar de certas qualidades relacionadas à educação, parece recair exatamente naquilo que Elsa Dorlin o livrara, ou seja, a tentativa de estabelecer um diferencialismo pacífico entre certas características femininas e masculinas, reservando ao feminino um lugar à parte na sociedade. Há, porém, certa estratégia argumentativa implícita na combinação desses predicados à natureza feminina; o que, sustentamos, só parece poder emergir a partir da consideração dos procedimentos estilísticos do texto em seus detalhes.

## Ordem prefigurada e ordem fabulada

A fim de resgatar a capacidade intelectual das mulheres, Poulain repensa algumas das tarefas que foram por elas historicamente executadas e, ao mesmo, desprezadas — ou, no

---

<sup>62</sup> Grifos nossos. Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 66.

<sup>63</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 84.

<sup>64</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 122.

<sup>65</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 122.

mínimo, não elevadas à categoria de conhecimento rigoroso. Há, por um lado, uma ciência que “se reduz a conhecer verdadeiramente qual é a disposição particular, interior e exterior, de cada objeto, a fim de produzir em nós os pensamentos e os sentimentos que temos sobre eles”<sup>66</sup>. Nesse percurso em que a observação da *ordem* é central, os mestres podem ajudar procurando afastar a mente de preconceitos — principalmente da precipitação<sup>67</sup> —, conduzindo-nos à ordem correta já prefigurada nas coisas. A esta ciência que procede decodificando um real existente independentemente dos nossos esforços, Poulain opõe outro modo de saber mais ativo, em que é preciso *fabular* a ordem mesma. Por isso, o bordado [*le Pont*] e a tapeçaria não exigem menos espírito do que o aprendizado da física:

O mesmo não vale para as obras das quais falei [o bordado e a tapeçaria]. É preciso, nelas, aplicar ainda mais seu espírito. As ideias sendo aí arbitrárias, são mais difíceis de apreender e reter; a causa de ser preciso tanto tempo para saber bem um ofício é que ele depende de um longo exercício: é preciso destreza para guardar bem as proporções numa talagarça, para distribuir igualmente a seda ou a lã, para misturar com justeza as cores; para não apertar nem relaxar demais os pontos, para não colocar aí mais em uma fileira que em outra; para fazer Nuances imperceptíveis. Em uma palavra, é preciso saber fazer e variar em mil maneiras diferentes as obras de arte para ser hábil nelas; ao passo que, nas ciências, não é preciso senão ver com ordem obras inteiramente feitas, e sempre uniformes: e toda a dificuldade de aí ter êxito vem menos dos objetos e da disposição do corpo que da pouca capacidade dos Mestres<sup>68</sup>.

Tal é o exercício em marcha na costura: os movimentos são compostos com criatividade, inventando a cada passo novas regras que valerão, a partir de então, para aquele objeto e conjunto considerado. Opomos aqui a descoberta e a produção de uma ordem; prefiguração e fabulação; método *a priori* e *a posteriori*, realidade e imaginação. A imagem da roca que assombra os escritos profeministas do período<sup>69</sup> é subvertida em seu potencial utópico e, ao mesmo tempo, engenhoso — dignificado como um saber à altura das mais abstratas especulações filosóficas.

A imaginação de uma nova ordem, porém, está em marcha em mais de uma forma ao longo do *Égalité*: não só como conteúdo explicitamente argumentativo, mas como procedimento retórico silencioso. Talvez a ideia de uma ordem fabulada nos permita, enfim, compreender alternativamente a presença de elementos que, numa primeira abordagem, reputamos ao essencialismo clássico do autor. Há, parece-nos, dois movimentos concomitantes ocorrendo na disposição do texto: de um lado, a tentativa de dignificar certas atividades, comportamentos, paixões e demais tarefas historicamente associadas ao feminino (a isso serve, numa abordagem mais superficial, o exemplo da costura a ser elevado como prática igualmente científica); de outro, um procedimento retórico de compor novos signos, outrora atribuídos apenas aos homens. Poulain ele mesmo *tece*, na escrita, o que chama de

<sup>66</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 97.

<sup>67</sup> Para uma definição do preconceito segundo a teoria cartesiana, verificar o *The Cambridge Descartes Lexicon*.

<sup>68</sup> Tradução nossa de POULAIN DE LA BARRE, *De l'égalité des deux sexes*, p. 99.

<sup>69</sup> Cf. GOURNAY, *Igualdade entre homens e mulheres*, p. 294.

nuances imperceptíveis; nas suas passagens mais tensas e escorregadias, inventa a possibilidade de mulheres terem justeza de espírito, de dominarem a arte de falar, de exercerem profissões ligadas ao direito, à história, à teologia, à medicina, às matemáticas, à astronomia, à gramática, entre outras. Está, nesse exercício, ele mesmo *fabricando* novas ordens que não estão diretamente prefiguradas no objeto — no caso, a própria sociedade tal como vinha até aquela altura se apresentando e o modo como restringia as mulheres apenas a um conjunto de comportamentos já determinado de antemão. Os argumentos cartesianos reelaborados ocupam um primeiro nível de leitura — como vimos, a crítica dos preconceitos, aplicação da regra da verdade, distinção entre as aparências e realidade e a definição de ciência —, mas há um segundo que consiste em pensar os possíveis efeitos que a evocação e exibição do signo “mulher” combinado com os signos “moral”, “política”, “matemáticas”, “física”, “medicina”<sup>70</sup> poderia soar e ser visualizado pelo leitor seiscentista. É, portanto, um exercício mais aparentado à *estética* do que a lógica: pois exhibe, evoca, produz, mais do que demonstra. A linguagem é torcida com o objetivo de fazer o interlocutor visualizar outras existências e outros destinos para as mulheres, diferentes daqueles postulados pela tradição. É, portanto, um procedimento ficcional por excelência.

Tal recurso estilístico talvez possa ser correlacionado — embora não o faremos aqui — ao modo como algumas mulheres, contemporâneas de Poulain ou não, se engajaram na escrita de utopias. Nelas, podem recusar a ordem dada que as oprime e utilizar a sua capacidade imaginativa para projetar novas virtualidades e futuros impossíveis. É o que faz, por exemplo, Margaret Cavendish em seu *Blazing World* (1666)<sup>71</sup> — uma utopia cuja posição feminina, como já foi analisado<sup>72</sup>, difere do lugar social reservado às mulheres numa utopia clássica como a de Thomas More. Não precisamos, contudo, ir tão longe. A fabulação de outras realidades não é aquilo que as preciosas faziam quando escreviam seus romances, repensando os limites de certos comportamentos femininos (e masculinos!), por exemplo, diante do casamento? A acusação de falta de verossimilhança de que *A princesa de Clèves* foi alvo é um sintoma agudo dessa reação: evidentemente o texto é inverossímil, pois busca, através da linguagem, *criar* novos signos para o comportamento feminino. A fabulação, condição mesma da prática literária, é, no caso de Poulain, um recurso persuasivo que não pode ser diluído no esforço demonstrativo: acontece ao seu lado. No *Égalité*, portanto, encontramos ao menos uma estratégia persuasiva aparentada com a literatura preciosa que constitui o pano de fundo das querelas do tempo, e que caminha ao encontro entre as ferramentas da pena masculina subvertidas para a causa das mulheres — a lógica, a demonstração — e a costura de abordagens outras, na ordem da imaginação, que dependem justamente do abandono do viés masculino para serem valorizadas.

---

<sup>70</sup> Poulain aposta na combinação desses operadores em diversas passagens do *Égalité*, tais como nas páginas 101-103, 105-110 da edição já mencionada.

<sup>71</sup> Verificar a tradução de *O mundo resplandecente* preparada por Milene Cristina da Silva Baldo e publicada em 2019 pela editora Plutão Livros.

<sup>72</sup> SATTLER, “Este é o mundo errado’ – elementos para uma utopia política feminista”. In: *Cadernos De Ética e Filosofia Política*, 39 (2), 2021, pp. 130-143.

## Referências bibliográficas

DESCARTES, René. *Discurso do Método. Meditações. Objeções & Respostas. As Paixões da alma. Cartas*. In: Coleção *Os Pensadores*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução de Guido Antônio de Almeida (coordenador), Raul Landim Filho, Ethel M. Rocha, Marcos Gleizer e Ulysses Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DESCARTES, René. *Discours de la méthode*. Introduction et notes d'Étienne Gilson. Paris: Vrin, 2005.

DORLIN, Elsa. *L'évidence de l'égalité des sexes. Une philosophie oubliée du XVIIe siècle*. Paris: L'Harmattan, 2000.

DUFOUR-MAÎTRE, Myriam. *Les Précieuses. Naissance des femmes de lettres en France au XVII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Champion, 2008.

GOURNAY, Marie Le Jars de. "Igualdade entre homens e mulheres". Tradução e nota introdutória de Clémie Ferreira Blaud. In: *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v. 4, n. 10., jul./dez., 2020.

POULAIN DE LA BARRE, François. *De l'égalité des deux sexes, De l'éducation des dames, De l'excellence des hommes*. Édition, présentation et notes par M.-F. Pellegrin. Paris: Vrin, 2011.

LAFAYETTE, Madame de. *A Princesa de Clèves*. Tradução e introdução de Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Edusp, 2010.

LAFAYETTE, Madame de. *La Princesse de Clèves et autres romans*. Préface et notices de Bernard Pingaud. Paris: Gallimard, 1972.

LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature Française*. Remaniée et complétée pour la période 1850-1950 par Paul Tuffrau. Paris: Hachette, 1951.

MOLIÈRE. *Les Précieuses ridicules*. Édition présentée, établie et annotée par Jacques Chupeau. Paris: Gallimard, 1998.

SOMAIZE, Antoine Baudeau de. *Le Grand Dictionnaire des Précieuses, Historique, Poétique, Géographique, Cosmographique, Chronologique et Armoirique*, etc. Paris: Chez P. Jannetchez P. Jannet, 1661. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50949t>.

VIALA, Alain. *La France galante. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu'à la Révolution*. Paris: PUF, 2008.

WEINRICH, Harald. *Conscience linguistique et lectures littéraires*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1989.